

O
CONSERVADOR

27 DE JUNHO
DE 1877

O CONSERVADOR.

ORGÃO CONSTITUCIONAL E CATHOLICO.

Redactor em chefe: Dr. Caetano Filgueiras.

Distribue-se aos sabbados. Publicações a 60 rs. á linha, sendo 5 gratis para os assignantes. Aceito o primeiro numero de cada trimestre, reputa-se tomada a sua assignatura. Numero avulso 250 rs.

Deus e a lei, a sciencia e a grei.

Escriptorio da Redacção: Largo de S. Frei Pedro Gonsalves, n. 8; onde se subscreve para esta folha a 36000 rs. por trimestre adiantado, e trata-se de todos os assumptos a ella relativos.

SUMMARIO.

SECÇÃO OFFICIAL:—*Constituição Política do Imperio:—Arts. 154, 155 e 156.—SECÇÃO EDICTORIAL:—A secca, os açudes, e os poços artesianos.—SECÇÃO NOTICIOSA:—Echo dos jornaes, LXIX.—Correio.—PUBLICAÇÕES A PEDIDO:—A bocca do mundo, por * * * * *.—Ao publico, por T. A. Mindello.—Declaração formal, por Carlos Maul.—ANNUNCIOS.*

SECÇÃO OFFICIAL.

CONSTITUIÇÃO POLITICA

DO

IMPERIO DO BRASIL.

Art. 154. O Imperador poderá suspender os por queixas contra elles feitas, precedendo audiencia dos mesmos Juizes, informação necessaria, e ouvido o Conselho de Estado. Os papeis que lhes são concernentes serão remetidos á Relação do respectivo districto, para proceder na forma da lei.

Art. 155. Só por sentença poderão estes Juizes perder o logar.

Art. 156. Todos os Juizes de Direito e os officiaes de justiça são responsaveis pelos abusos de poder e prevaricações que commetterem no exercicio de seus empregos: esta responsabilidade se fará effectiva por Lei regulamentar.

SECÇÃO EDICTORIAL.

A secca, os açudes, e os poços artesianos.

Faze por ti, que eu te ajudarei.

A secca é um flagello horrivel, mil vezes mais cruel do que o martyrio de Tañato, pois que nem a vista se repousa no fructo cubicado nem o espelho das aguas illude, como uma doce miragem, os sentidos exaltados. No theatro da secca a aridez circumstante isola a victima e entrega-a toda

inteira aos horrores reaes de sua afflictiva situação. E é tanto mais temeroso o flagello quanto as causas que lhe dão ensejo se não de reproduzir sempre na natureza, ou por outra—se não de reproduzir cada vez mais na natureza, a proporção que o trabalho continuo e duplo da atmosphera e do centro incandescente da terra forem operando gradualmente a crystallização da crosta.

Esta triste verdade que a sciencia nos annuncia deve atrahir a attenção do Governo e dos homens amigos do paiz. E já que assim tem de ser, é de bom patriotismo não permittir que se redusam a transitorios, embora oportunos benefícios os louvaveis esforços das administrações provinciaes.

Na Parahyba, por exemplo, nada ha que exigir mais do Sr. Dr. Esmerino, pois sabem todos que, duplamente guiado pelo dever e pelo coração, tem S. Exe. posto em practica todos os remedios exigidos pela sinistra situação em que veio encontrar os sertões da Provincia confiada á sua direcção.

Estamos certos de que, a hora em que escrevemos estas linhas, já terá chegado a todos os pontos flagellados a mão providencial da Presidencia que, por encomiavel dedicação, não cessa de extender-se para levar pão e agua aos desvalidos da sorte. Estamos seguros, tambem, de que, graças ás medidas energicas, prompta e adequadamente tomadas, não teve a morte occasião de fazer victimas, e que assim se realisou o mais charo e ardente voto do philanthropico delegado do Gabinete de 25 de Junho. Mas, practicado todo este bem, perguntaremos:—temos feito tudo quanto cumpre, tudo quanto a humanidade pede, tudo quanto a sciencia recommenda? Já teremos feito por nós quanto baste para que Deus nos venha em auxilio?

Por certo que não!

Matamos a fome, extinguimos a sede das victimas. Fomos de braços abertos ao encontro dos fugitivos. Chegámos em tempo á cabeceira dos moribundos. Seccámos lagrimas, evitámos luctos. Conjurámos, em fim, os fulminantes effectos do raio assolador... mas não pensámos no futuro: esquecemo-nos de que o raio torna, porque as tempestades se repetem.

Não construímos para-raios, que garantam aos nossos compatriotas brigo seguro contra novas furias; não prevenimos, em fim, que os flagellos naturaes voltam a zombar dos descautel-

lados, a esterilisar os sacrificios de hoje.

E', no entretanto, o que nos compete fazer, desde que se acha desempenhado o dever do presente. Prevenamos—desassombrados o que teriamos de remediar um dia—angustiados. Cuidemos em reduzir á impotencia as invasões do mal, e cada patriota, cada Brasileiro contribua com as suas luzes, com seus esforços, com seu óbolo, para alcançar-se o salutar e grande desideratum.

A imprensa que illumina e guia os governos, á imprensa, sobre tudo, cabe nesta empreza conspicuo papel. Em suas paginas de facil accesso se ventilirão todas as idéas e alvitres aceitaveis, e ella tomará assim a iniciativa dos grandes melhoramentos do sertão.

Pela nossa parte, damo-nos pressa em aventar na Parahyba os mais proficuos alvitres para amesquinhar no futuro os horrores da secca. São elles a construcção de grandes açudes, e a perfuração de poços artesianos, a semelhança dos que fertilisaram os areas inhospitos da Argelia.

Dependendo o primeiro meio das chuvas, e ficando os açudes sujeitos a evaporação das quadras calmosas, inclinamo-nos com enthusiasmo para o segundo expediente, menos vulgar, porem decididamente preferivel por não estar dependente d'aquellas condições atmosphericas. E para que os nossos leitores comecem desde já a compenetrar-se das vantagens multiplicas e seguras do emprego dos poços artesianos no sertão transcreveremos aqui a parte competente do bello e scientifico discurso proferido sobre o assumpto na Sessão de 21 de Maio, na Camara dos Srs. Deputados, pelo distincto Capitão de Fragata Eusebio José Antunes, nosso particular amigo e companheiro de redacção no Diario do Rio de Janeiro em 1867.

Mais tarde voltaremos a materia: por agora falle, como mestre, o illustrado official de Marinha, que representa na Camara Temporaria a Provincia de Matto-Grosso.

O Sr. Antunes:

As seccas das provincias do norte são periodicas; é um facto conhecido e assignalado.

No Ceará principalmente isto se dá frequentemente; as outras provincias não soffrem na mesma proporção.

Em 1859 ou 1860, em consequencia da calamidade que affligiu aquella

provincia por um igual facto, publiquei no *Diario de Pernambuco* alguns artigos, chamando a attenção do governo para a conveniencia de ensaiar-se alli o systema de poços artesianos, que com excellentes exitos tinha sido experimentado nos arenosos terrens do Sahara argelino desde 1856 pelo general Descaux.

Com uma despeza insignificante, Sr.

presidente, o governo francez poudo conseguir transformar aquellas aridas regiões em terrens férteis, fixando nelles as tribus nomades, que não limitarão mais a sua cultura ás palmeiras do deserto, e poderão com vantagem emprender a plantação do algodão, da vinha, etc. Tenho á vista um documento, que peço licença á camara para o ler. São trechos do relatório daquelle general, publicado no *Annuario Scientifico* de Fignier, de 1863.

« Acheando-me em 1854 em Sidi-Rached, ao norte de Tauggount, escreveu elle, o acaso me conduziu ao cume de uma collina de areia, que domina o oasis inteiro. Descrever a impressão que me causou a vista deste oasis é impossivel; á minha direita, as palmeiras verdejantes, os jardins cultivados, a vida em uma palavra. Á minha esquerda a esterilidade, a desolação, a morte! Informei-me do cheik e dos habitantes da causa deste contraste. Provinha elle do facto de terem seccado os poços do norte, entulhados pela areia. Ainda alguns dias e esta população devia dispersar-se. Compreendi neste momento os fecundos resultados que poderiam produzir nesta região os trabalhos artesianos, e graças a vós, Sr. governador geral, que acolhestes favoravelmente minhas proposições, dando-lhes apoio, a vida será restituída a muitos oasis do Oued-R'ir, e o futuro encerra as esperanças as mais magnificas.

« O trabalho de perfuração do primeiro poço artesiano começou na primavera de 1856, em Tauserna, em Oued-R'ir, graças a esse material de sondagem enviado pela casa Degoussée, o qual, desembarcado em Philippeville, foi conduzido, com sérias dificuldades até o lugar da operação, por causa das areias do caminho. Dirigido por M. Jus, engenheiro civil, que tinha sido enviado pela casa Degoussée, a perfuração levada em 40 dias até a 60 metros, attingiu logo a uma camada d'agua de fôrto, que

Montam-se ; mas dizer ouvem :
 —Apeiem-se, almas de breu ;
 Querem matar o burrinho ?
 Apostamos que não é seu
 —Vamos ao chão, diz o velho,
 Já sei o que hei faser ;
 O mundo está de tal sorte,
 Que se não pode entender.
 E' máo se monto no burro,
 Se o rapaz montá, máo é ;
 Se ambos montamos é máo,
 E' máo se vamos a pé !
 De tudo se nos censura,
 Agora o que mais nos resta ?
 Peguemos no burro ás costas,
 Façamos inda mais está.
 Pega no burro o bom velho,
 Pelás mãos ergue-o do chão ;
 Pega-lhe o rapaz nas pernas
 E assim caminhando vão.
 «Olhem dois loucos varridos ! !
 Ouvem com grande sussurro,
 Fazendo o mundo ás avessas !
 Tornados burros do burro ! . . .
 O velho então pára e exclama :
 —Do que observo me confundo :
 Por mais que a gente se mate
 Nunca tapa a bôcca ao mundo.
 Rapaz, vamos como d'antes,
 Sirvam-nos estas lições ;
 E' mais que tôlo quem dá
 Ao mundo satisfações.

DR. CAETANO FILGUEIRAS.

Ao publico.

Depois de breve periodo de abstenção e silencio, renova o «Despertador» suas aggressões e invectivas contra a capitania do porto, a cujo chefe vota, de longa data, singular ogerisa, e a quem hostilisa com um ardimento digno de melhor causa.

Deixarei de apreciar os motivos do procedimento da folha opposicionista ; não consentirei, porém, que se me apresente como protector da capitania, e, portanto, seo cúmplice nos suppostos abusos e malversações que n'ella se denunciam. Acto algum da minha vida auctorisa semelhante conceito, que a ninguem dou o direito de formar.

E, com effeito, muito poderosa e efficaz deveria ser a minha protecção, para que os Presidentes da provincia, com quem tenho servido como secretario, para que o quartel-general da marinha, e o proprio Governo Imperial dissimulassem as graves faltas attribuidas á capitania, e tolerassem, e mantivessem o auctor d'ellas em seo posto, com detrimento da fazenda do Estado, e offensa da moralidade da administração publica !

Evidentemente não está ahi o segredo da defesa do Sr. capitão do porto, e da impotencia dos seus inimigos. Reflictam estes com calma, e facil-

mente encontrarão a causal das suas decepções na verificada inexactidão das suas asserções, e na futilidade das suas arguições ; assim como nos bons serviços prestados ao paiz, e particularmente á Parahyba por a quelle respeitavel official superior da armada nacional, e prestimoso funcionario público ; como é exuberantemente confirmado e attestado por documentos irrecusaveis nos edificios que fez construir, nas obras que reclamou, e conseguiu vêr realisadas, na regularidade e asseio da repartição, na bôa ordem que estabeleceu em todo o serviço das costas, rios, barras e portos, na activa e salutar vigilancia, que exerce, sobre as repartições que lhe são subordinadas, na limpeza e commodidade do embarque e desembarque, na facilidade ; segurança e presteza dos meios de transporte, até moyidos a vapor, na promptidão e exacção no cumprimento das ordens superiores, etc.

Foi cabal, segundo penso, a justificação por elle produzida, e publicada no jornal official, das accusações que lhe foram feitas, referentes ás contas de Sr. Carlos Maul.

A companhia de aprendizes marinheiros, repartição subordinada á capitania, é descripta pelo «Despertador» em deploravel estado de desorganisação, confusão e desordem, e os seus empregados são accusados, até de latrocinios.

Entretanto, o Exm. Sr. Presidente da provincia dirige-se ao Cabedello, acompanhado dos Srs. Dr. chefe de policia e Dr. inspector da thesouraria de fazenda ; entra inesperadamente no quartel da companhia ; percorre os seus compartimentos, — a arrecadação, a enfermaria, a botica, a escola, o dormitorio, a despensa, a cozinha ; examina detidamente todas as cousas ; interroga as pessoas ; pesquisa tudo ; e volta satisfeito do estado em que encontrou a companhia ; como, não ha muito, voltou de excursão semelhante o vice-presidente da provincia, em exercicio, Exm. Sr. Dr. José Paulino de Figueiredo.

Que valor, pois, devem ter taes accusações ?

Diz-se, porém, que a visita de S. Exc. fora annunciada, quatro dias antes, pela sua secretaria.

Não respondo a isto. E' uma infeliz coartada, e uma injuria, que desprezo.

Prevaleço-me da oportunidade para declarar que não fui expulso da redacção do «Jornal da Parahyba», como assevera o «Despertador.»

A typographia do Jornal não é propriedade de um individuo, mas do partido conservador ; e só por elle, ou por seo directorio, do qual faço parte, poderia ser eu dispensado da redacção.

Achei-me em divergencia com outro membro da redacção, o Sr. Dr. Silvino, acerca da situação e direcção

dos negocios da comarca de Bananeiras, como ninguem ignora. Uma vez quebrada a nossa solidariedade, um de nós tinha de retirar-se ; retirei-me eu, sem, todavia, renunciar o direito de voltar a ella, quando, a meo juizo, assim o reclamem os interesses do partido, a que me desvanço de pertencer, e a que tenho longamente servido com lealdade e dedicacão.

Parahyba 24 de Junho de 1877.

T. A. Mindello.

Declaração formal.

O dente viperino do « Despertador » não poupa a ninguem : não admira por tanto que se occupasse tambem da minha obscura individualidade, no Mosaico de 13 do corrente.

Mas desta vez foi completamente infeliz. Si taxei preço ao transporte das cargas vindas no Purús, foi por que estava no meu direito, tendo sido delle encarregado e tendo desempenhado a commissão. Se pedi por cada volume o preço de 480 rs. é porque estava tambem no meu direito e tinha por mim toda a rasão. Si o « Despertador » os tivesse carregado então havia de conhecer-lhes melhor o numero, o peso e as vezes que exigiram que fossem os transportadores a bordo. Estou certo que se tal tivesse acontecido, o « Despertador » não havia de achar exagerado um preço que para tamanho trabalho, tamanha responsabilidade e tamanha vigilancia é realmente uma ninharia. Não sabe o « Despertador » que o desembarque dos generos do Purús foi feito quasi todo de noite ? E não sabe tambem que o trabalho feito a noite é pago pelo dobro ? Atreve-se a julgar caro o transporte de generos, que a terem sido baldados de dia, regularia a 90 reis por volume ?

Si o « Despertador » ainda insistir é por que só é liberal com o alheio !

Mas continuemos.

Se offereci depois ao Exm. Presidente da Provincia encarregar-me do transporte subsequente dos soccorros para as victimas da sêcca sem o minimo frete . . . é por que me veiu esta idéa ao pensamento, e desejei associar-me ao nobre e patriótico empenho de auxiliar a Administração da Parahyba em crise tão afflictiva. Se esta idéa não me veiu antes, não tenho culpa disso, e ninguem tem direito nem bom senso perguntando-me por que a não tive antes. Os anjos que lhe respondam !

Não posso ver, portanto senão intriga e miseravel ronha em metter-se o nome do digno Sr. Major Mindello numa questão inteiramente alheia á sua influencia e até ao seu conhecimento, enquanto não me dirigi á Presidencia.

Estes tiros são perdidos. Acho melhor que o « Despertador » minta menos e empregue seu tempo e suas luzes em assumptos mais uteis.

Parahyba 22 de Junho de 1877.

Carlos Maul.

ANNUNCIOS.

Vende-se duas burras mausas, proprias para puxar carroça. Quem pre-

cisar dirija-se a rua de Visconde de Inhaúma n. 48 que achará com quem tractar.

Na mesma casa vende-se tambem o novo formicida Romariz, que tão bons resultados tem provado na extincção da formiga de roça.

CHOCOLATE BRASILEIRO

da fabrica de RIBEIRO & CASTRO

MARANHÃO.

No escriptorio de Custodio Domingues dos Santos, á rua Visconde de Inhaúma n. 41, vende-se as seguintes qualidades :

Flor de chocolate . . .	1\$200	por	458	grm.
Chocolate baunilha . .	1\$000	»	»	»
» canella	1\$000	»	»	»
Commum fino	800	»	»	»

AVISO

AOS SENHORES ASSIGNANTES

DO

Jornal das Familias.

A Revista de Horticultura, interessante publicação dedicada aos interesses da grande e pequena lavoura, como tambem ao das hortas e jardins, publica se regularmente na Côte (desde Janeiro de 1876) em folhetos mensues de 24 paginas, contendo, intercalada no texto, numerosas gravuras representando plantas novas, animaes e mahinas agricolas, sendo a sua assignatura annual de 8\$000 para a Côte 10\$000 para as provincias — preço que para os Srs. assignantes do Jornal das Familias ficão reduzidos a 6\$400 e 8\$000.

As pessoas que não fôrem ainda assignantes da Revista de Horticultura, nem do Jornal das Familias, cuja assignatura é de 10\$000 annuaes para a Côte e 12\$000 para as Provincias, poderão assignal-os a um tempo pelos preços reduzidos de :

Para a Côte (em vez de 10\$000). 11\$000
 Para as Provincias (em vez de 12\$) 17\$600

Isso porém com a condição de serem as assignaturas tomadas directamente nas gerencias de um dos dous jornaes, ou, para as assignaturas das Provincias, que sua importancia seja dirigida em carta registrada com declaração do valor, quer ao editor da Revista de Horticultura, F. Albuquerque, caixa do Correio 418, quer a nós

B. L. Garnier.

Editor do Jornal das Familias

65.— RUA DO OUVIDOR—65.

CÊRA, CÊRA !

O VARANDAS tem cêra para alugar o para vender. Quem precisar . . . já sabe : é á rua, Barão da Passagem, na casa em que mora.

O DITO.

Imp. na Typ. Conservadora—Rua Visconde de Pelotas n. 24.